



Padrão (*template*) para submissão de trabalhos ao XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação:

Outro Estudo sobre Acionamento de Memória a partir da Minissérie A Casa Das Sete Mulheres: Análise das Falas¹

Ana Maria Strohschoen²

Universidade de Santa Cruz do Sul

Resumo

Este artigo é resultado de uma pesquisa na UNISC a partir da minissérie A Casa das Sete Mulheres e seus usuários. Isto deve-se à peculiaridade da Casa das Sete Mulheres que exerceu um certo tipo de estímulo ao imaginário, principalmente sobre os gaúchos: ou por que somos ou por que não somos. Torna-se interessante verificar na pesquisa como uma minissérie também está presente na atividade do fazer “lembrar”, com repercussões na memória e na identidade de seus usuários.

Palavras-chave

Mídia, memória coletiva e identidade.

1. Introdução

Com a pesquisa de doutoramento com Terra Nostra pude pensar numa análise que me levou a trabalhar sobre a especificidade do gênero telenovela neste processo de acionamento de memória. Na última página da tese escrevi que este era o começo talvez de uma carreira como pesquisadora. Nem sempre é fácil continuar nosso percurso, levando em conta a própria exaustão do doutoramento, com o seu término e o recomeço na vida acadêmica (na UNISC). A pesquisa com A Casa das Sete Mulheres então surgia no contexto de janeiro de 2003 com a exibição das primeiras cenas da Casa das Sete Mulheres. Mesmo estando próxima à defesa da tese, esta minissérie poderia ser por onde continuar estudos sobre acionamento de memória. Continuar por quê? No final da tese, muitas dúvidas surgiram a partir da relação mídia e memórias coletivas. De novo a mídia trazia referências da história do Rio Grande do Sul e de novo este tema também

¹ Trabalho apresentado ao NP17 – Folkcomunicação, Intercom 2005

² Professora Doutora da UNISC. anam@viavale.com.br



pode causar reações diferenciadas para as pessoas no Rio Grande do Sul que têm outras referências do que aparece como ficção. O meu foco encontra-se novamente na especificidade desta dinâmica, em como as pessoas relacionaram estas referências de memória com seus processos pessoais e sociais. Houve um trabalho efetivo da pesquisa no sentido de descrever como se davam os processos de grupo e pessoais ao relacionar referências de memória na minissérie e nas suas vivências pessoais, repercutindo ficção e realidade. Com a investigação verificamos que estes processos de memória atuaram de forma recíproca, sobrepondo-se. Também podemos testar as categorias de Terra Nostra para esta pesquisa. Não sabemos o suficiente sobre a utilização de categorias de um estudo para outro, o que é possível, limites e possibilidades. Às vezes terminamos uma pesquisa e não voltamos a examinar, detalhar e escrever sobre a utilização destas categorias. Nem sempre temos esta informação sobre este uso. Por isso, acredito que esta pesquisa foi importante na medida em que não ficou restrita ao seu uso no doutorado. Pode acrescentar, dar continuidade para outra pesquisa que diz respeito ao acionamento de memória. Esta pesquisa iniciou em março de 2003. Neste período foram montados os grupos de discussão (um de pré-observação e outro focal), gravação e edição dos capítulos. Em 2005 terminamos a análise. O projeto já foi apresentado em outros encontros científicos, por isso aqui só trataremos da análise dos resultados.

Utilizamos as categorias do estudo de Terra Nostra para a análise dos dados. Temos daí três sistematizações:

1. Por referentes principais (ou história de vida ou por referência a minissérie).
2. Fontes (por origem das falas).
3. Comparação entre referências de memória.

A seguir colocaremos os exemplos em cada categoria e assinalando semelhanças e diferenças para este uso na Casa das Sete Mulheres.

2. Análise Das Falas

Dependendo do referencial de onde partem, as histórias da revolução farroupilha não são as mesmas. Por algum motivo são histórias mais individuais, outras no grupo e no imaginário. Há uma maneira de falar, de narrar e principalmente na expressão de quem as conta que as torna de um jeito e não de outro. O curioso aqui é perceber como esta narração faz diferença na vida de algumas pessoas. Em Terra Nostra esta narração também fez a diferença com o tema da imigração italiana. Aqui não temos um tema



étnico. Temos a revolução farroupilha e uma minissérie. Uma das diferenças está associada ao primeiro e o último capítulo. Em Terra Nostra o que desencadeou maior reação nas pessoas aconteceu com o primeiro capítulo (a história do navio). Na Casa das Sete Mulheres aconteceu com o último capítulo.

Cléria não estava na fazenda do avô e nem sentia o cheiro da terra daquele lugar. Acima de tudo não via a sua carroça. Nem via o seu fogão. Nem Olga sentia a alegria de ver o pai contando a história dos lanceiros negros quando ela apenas era uma criança. Antes da exibição das cenas do último capítulo mostradas no grupo, Bianca não tinha falado. Até este momento a pesquisadora estava no seu papel de mediadora. Eu já estava no grupo há mais de trinta e cinco minutos e as falas estavam vindo de lá pra cá, indo e vindo. A escuta, o arranjo, a fala interessante, boas histórias, boa conversa e o chimarrão passando de mão em mão. Esta parte da pesquisa é especial. Desde o princípio levantamos a ideia de que esta minissérie é especial não como um todo, mas algumas cenas, capítulos e personagens (assim como a novela Terra Nostra não era como um todo).

Há de se colocar a primeira reação desencadeada no grupo (inclusive para a pesquisadora) que jamais havia sido pensada como parte deste momento da pesquisa. Esta primeira reação foi de choro absoluto, completo e convulsivo no grupo. O que se via eram olhares embriagados de lágrimas, as mãos buscando lenços que não se tinha, suspiros, pedidos de desculpas, um jeito constrangido. Mas depois que se via o choro em grupo, a vergonha se parecia com cumplicidade. Foi ali naquele momento, vendo aquele capítulo final (que todos já haviam assistido em casa) que aconteceu esta reação. Isto pegou o grupo de surpresa. O silêncio total, a suspensão total das falas. Como pesquisadora já havia percebido que há falas e cenas que causam comoção como a primeira cena de Terra Nostra e a fala de Gabriela (uma das mulheres que participaram da pesquisa com Terra Nostra em 2001). O grupo quando escutou a fala de Gabriela também silenciou, engoliu seco. Lembro que percebi naquele depoimento algo diferente do que quando escutava as outras histórias dos componentes do grupo.

Naquela situação o grupo não chorou por fora, eu sei que me segurei. Lá era uma situação decorrente de uma história falada pela própria pessoa ao vivo e que há anos convivia com as pessoas do grupo. No entanto, foi surpresa escutar a voz da Gabriela contar aquela história, apesar do tema ser comum ela conseguia comover a todos. Isto aconteceu dentro da situação da pesquisa. Isto na época da pesquisa não havia sido pensado por mim, pois pensava que isto apenas ocorreria com o efeito de um capítulo



ou cena da telenovela. Então aconteceu que este efeito da cena ou capítulo pode ocorrer com falas e vice-versa. Surpresa porque mesmo chegando nestas duas possibilidades de acontecer esta reação de surpresa ainda não esperava que isto acontecesse com a Casa das Sete Mulheres especificamente com a última cena tendo esta reação: o de se parecer com uma fala mais real do que real.

Estas cenas eram narradas pela personagem Manuela e pareciam ter um efeito diferente. Desencadeou outros aspectos que não diziam apenas da narrativa ficcional. É nítido ao final da cena o sentimento, uma experiência difícil de ser apenas escutada: é densa, profunda, íntima. Até aqui tudo parecia estar nas questões da minissérie ou da história do Rio Grande do Sul. Até aqui havia o que dizer. Daqui em diante é apenas o choro. Não se trata aqui de lembrar de um parente que contou algo parecido com o que estava sendo colocado no vídeo ou de um lugar como aquele da infância. *O choro também é o que temos para contar. São nossos vestígios nascendo no presente. Isto acontece diante de um vídeo.* Nosso propósito aqui é descrever isto acontecendo no momento exato da pesquisa. Pensamos que seria difícil captar este momento já que este capítulo foi assistido em casa quando a minissérie terminou (mais de oito meses decorridos deste término). *Bianca falou.* De acordo com as informações obtidas fizemos um quadro de análise para apresentar melhor sobre esta situação anteriormente comentada.

Quadro de Análise

Fonte \ Categoria	Histórias da fazenda	Histórias de guerras	Histórias do charque/CTG
Experiência Pessoal	Aparece esta fonte neste tipo de história presença dos avós, mas não como fonte.	Não aparece.	O charque aparece como história mais familiar.
Os Avós	Não aparece esta fonte neste tipo de história.	Só aqui aparece esta fonte.	Não aparece.
Pais/parentes/ amigos/comunidade	Esta fonte não aparece neste tipo de história.	É a fonte que mais aparece.	Aparece exclusivamente com esta fonte, muitas vezes como uma ficção: charque e CTG não lúdicos (como aparece nas fazendas e histórias de guerra).
A Minissérie	Esta é a fonte que mais aparece neste tipo de história. Aparecem elementos lúdicos. Quase sempre é a referência mais específica.	Aparece com muitas referências, mais do que com as outras fontes.	Quando passam por referências da ficção são recolocadas: geralmente lembranças da fazenda ou servem para se contrapor.
Livros	Não aparece.	Não aparece.	Aparece.



História das Fazendas

Fonte: Experiência pessoal

“... Eu era grandinha e meu vô tinha carroça lá... Também saía para vender coisas com meu vô. Tinha uma tia minha que convivia muito comigo, sabe, ela não tinha filhos e ela convivia muito comigo e ela gostava muito de andar a cavalo e coisa, ela cuidava dos cavalos do meu vô...” (Anaíse)

Estas histórias remetem ao tempo da infância passado nas fazendas dos avós. A maioria destas histórias não aparecem recontadas na sua totalidade. Algumas partes são mais nítidas, geralmente aquela que os outros contavam que era assim. Isto acontece com as complementações do grupo e principalmente ao passarem por referências da minissérie (comentada a seguir em fonte minissérie). Aqui elas aparecem parecidas com as histórias do charque, são mais ou menos lembradas e não são colocados os elementos lúdicos e da imaginação infantil. Não aparecem as diferenças do que seria fruto da imaginação e o encontro com esta imagem da fazenda na infância. São mais ou menos lembradas.

Fonte: Minissérie (ver cenas da fazenda, carroças, objetos)

“... Por que tudo o que tu fala de objetos faz parte, não tinha nada desconhecido, para quem tem contato para fora, com a fazenda era aquilo, é claro que bem mais... O fogão, aquele tipo...” (Jane)

“... Que nem aquela carroça da Ana³, né? Eu imaginava assim uma coisa, daí quando eu vi... eu disse, mas era aquilo, era assim que eu imaginava! ...Tem cor, pois quando conta, geralmente a mãe contava essas coisas pra gente em dia de chuva, tomando mate doce (risos). Dias de chuva que tu não podia ir pra rua fazer nada. E para não destruir a casa (risos), que não era só nos quatro, era nós quatro, meus quatro primos, mais três primas pequenas... a gente era louca, a gente acabava destruindo a casa, quebrando os objetos. A mãe fazia o mate doce, sentava e contava, então não tem cor. Tu só tem a história e o que tu imagina é tudo em preto e branco. E tu ver assim a cena, daí tem cor, sabe... A minha carroça tá na TV! (risos) ...Aquela carroça ficou bem nítida e a imagem que eu fazia era igual, sabe, o vovô com a carroça, eu imaginava uma coisa... Eu ficava imaginando, que jeito era a carroça? Que tipo de coisa eles podiam botar na carroça pra sair vender, como é que ele empacotava aquelas coisas?” (Cléria)

³ A Ana da qual Cléria se refere é uma das sete mulheres da minissérie, Ana Joaquina, interpretada por Bete Mendes, irmã do General Bento Gonçalves e proprietária da Estância da Barra, onde as mulheres ficaram confinadas esperando pelo fim da Guerra dos Farrapos.



Na Casa das Sete Mulheres as primeiras falas são confusas e só acontecem com mais nitidez após passarem pelas referências à minissérie. Há pessoas que tem a sua fala quase que exclusivamente em relação à minissérie. O silêncio aqui também fala, principalmente diante da comoção do grupo diante de algumas cenas. Outros então dispõem de histórias para contar que podem ser acionadas passando ou não pela minissérie. Por exemplo, verifica-se que as histórias de fazenda quando passam pela referência à minissérie aparecem elementos emocionais e mais específicos com uma ênfase dramática diferente daquelas das histórias das guerras contadas pelos pais (ver cenas de histórias da fazenda, Cléria e Anaíse) e histórias do charque. É na referência à minissérie que um tipo de pessoa, objeto e lugar aparece. Chamam atenção algumas falas que expressam histórias que realmente parecem reais: elas têm cheiro, lágrimas, rosto, palavras, olhares... na maioria das vezes isto não acontece espontaneamente. Não aparece em outras fontes avós, pais e livros, só em experiências pessoais e minissérie.

Geralmente são lúdicas. Aqui elas apresentam o contar lúdico da história. Nas histórias da fazenda ao passarem pelas referências da minissérie são constituídas como lugares da infância. As falas que se referem às histórias da fazenda aparecem em falas já desenvolvidas. Esta história das fazendas é uma história atrelada às lembranças infantis, portanto poderiam estar apenas como uma história da imaginação e não como referências à realidade. É só no momento em que o grupo fala destas histórias como reais e históricas e vê no capítulo que há um reconhecimento desta história como real e parte da imaginação individual e da história. Há um encontro com estas duas referências que aparentemente não estavam à disposição do indivíduo: lembrar o que não parecia ser real, passando pelas referências da minissérie e das referências de familiares.

- Personagens femininos: Manuela, Caetana e Ana

“... Aquela cena que ela, subindo as escadas, em que ela se vira para olhar para... para a Manuela. Em que ela se vira, na escada, o vestido dá uma rebordadinha... Meu Deus! Que maravilha!... e sujam tudo de graxa, né? ... A cena da violência da Ana Terra que ela... ah, aquilo veio assim, sabe, porque a mãe falava que as mulheres tinham que se cuidar...” (Cléria)

Voltam às referências à fazenda, mas sendo colocadas com características da mulher, do trabalho e das situações vivenciadas pelas mulheres (violência, destreza com armas, cuidados, sobrevivência em situações de isolamento). Estas referências passam pelas personagens de Manuela, Caetana e Ana e são reconhecidas com alguns parentes ou



familiar; como eram realmente as mulheres da família. São mulheres de fibra, que enfrentaram a guerra (as verdadeiras heroínas). Curioso que aqui não aparece a referência ao personagem de Anita Garibaldi. Aqui as mulheres ganham força de mito, não no espaço das batalhas, mas como guerreira das fazendas. Esta fala não aparece em Olga (talvez pela fazenda ser o lugar da escravidão e ao mesmo tempo o motivo de guerrear por causa da liberdade).

História das Guerras

Fonte: avós

“... Que meu vô contava era da guerra dos Farrapos, buracos no chão... E, que eles escondiam lá dentro. Os homens, as mulheres não.” (Anaíse)

“... O avô contava que as mulheres ficavam, os homens não...” (Cléria)

“... Os homens se escondiam nos buracos na guerra, daí eles não queriam ir, queriam ficar...” (Iraci)

Curioso é perceber como aqui a guerra é percebida pelas informantes. Alguns avós acabam contando não uma história de heróis, mas de homens que queriam se esconder da guerra. Quando contada pelos avós é sobre os medos, esconderijos, buracos. De homens que não queriam guerrear, mais para esconder-se. Para as mulheres a guerra era também uma história diferente, de como mulheres ficavam sozinhas e sobre o trabalho da fazenda. Como as mulheres ficaram nas fazendas, elas (as mães, as tias) contam em tom de ficção, de mistério e são lúdicas. A guerra é uma história contada para as crianças, em dias de chuva ao redor do fogão, para aquecer, para dar medo.

Fonte: Pais

“... E, meu pai chegou a ir, mas não... ele chegou a ir até Bagé. A mãe, a mãe contava e nós ria, sabe, porque dizia assim, ó, meu pai, o pai foi pra Guerra mas só trouxe piolho e sujeira de lá (risos), disse que veio foi a coisa mais triste. Ele não chegou a ir pro front na Itália... chegou a ir até Bagé, diz que ficaram lá cum coisa lá, cum trem e tudo, né, e daí quando chegou a época pra ele ir daí ele não precisou mais ir, daí voltaram. A mãe ficou, meu irmão mais velho tem 60 anos agora meu irmão mais velho, né, fez na semana passada,



meu irmão mais velho era recém nascido, parece, era um troço assim...”
(Anaise)

A guerra continua sendo motivo de piada, de diversão, de enredos pitorescos: piolhos, sujeira e roubos. Tudo era motivo para a chacota, o riso, a piada.

Fonte: minissérie

“... E teve uma coisa assim... que nem aquela batalha dos lanceiros... E daí ele contava caso que seriam histórias, ele contava sobre a Revolução Farroupilha... daquela batalha dos negros, dos lanceiros negros né, que depois passou sabe. E pra mim era igualzinho, como apareceu na televisão, com o meu pai contava. Igualzinho, assim sabe? Pelo meu pai ter me contado e, ali aquela história... então aquela coisa ali foi bem legal, eu gostei porque tava dentro do conhecimento que eu já tinha daqueles casos que o meu pai contava que eu sabia lá da minha infância. Então teve muita coisa que deu, tava dentro da minissérie em si, que pra mim... principalmente as partes de batalha ali, que ali eles foram até umas parte eles foram fiel sabe assim, o que eu sabia e como o meu pai me contava, aquela dos lanceiros, depois teve aquela uma parte lá, onde o Bento lá com outro, o Bento Manuel. Eu tinha aquela cena dentro da minha cabeça, e isso foi uma das melhores. Foi assim é... bá eu já vi isso. Sabe quando tu diz eu já vi aquilo ali, sabe, bem assim. Da história, que eu tinha contado por pessoas mais antigas no caso, né, pessoas que hoje já morreram há 25... 30 anos.” (Olga)

“... A cena mais forte das batalhas, de todas as batalhas, a que mais me tocou, foi a dos lanceiros negros.” (Cléria)

“... Para mim, então também é luta. A gente a vida inteira ouviu falar na Guerra dos Farrapos, mas ali tem bastante. Eles mostraram até bastante cenas de sangue, então a mais forte... O orgulho que se viu na TV. Ontem outro por exemplo na inauguração da Feira do Livro também, o Hino Rio Grandense sobrepõe o nacional, né, já tinha acontecido outra vez, não me lembro a situação, né.” (Jane)

Olga fala da história dos lanceiros negros não como uma invenção, reconta esta história que a mãe contava com detalhes, facilidade e com orgulho. Os escravos foram guerrear, não fala em esconderijos e medos. Aparece o heroísmo dos negros (ver em fonte minissérie adiante). Também tem a sua primeira fala passando pela referência à minissérie, mas já colocando uma forte carga emotiva em relação ao pai e a história que ele contava (a dos lanceiros negros). A história dos lanceiros contada por Olga, ao passar pela minissérie, ganha características: tem componentes afetivos que são colocados de forma emocionada e sensível para quem está contando. O importante aqui



é ter estas referências do pai e do capítulo. Em Olga é uma emoção (o choro) rever o capítulo, a cena que o pai contava. Tudo se transforma: o pai aparece e a criança que escutava tenta reproduzir esta experiência com as referências da minissérie. Ela lembra por que interpreta, interpreta por que lembra. Isto é um momento muito especial para a pesquisa. Percebemos que há uma entrega do informante neste momento para contar tudo o que se passou neste momento do enredo (da ficção) para a sua vida. Há uma grande satisfação em contar esta relação entre a história do pai e aquela mostrada pela minissérie.

- Cena do barco de Garibaldi

“... Eu ficava imaginando... Aquele barco foi... Aquele barco do Garibaldi. Aquela cena que também é o que eu imaginava quando criança e eu nunca tinha visto, né, o que era o barco carregando naquela... então... Por que na terra, como é que um barco ia levando as coisas, eu também... E contavam, né? Uma coisa é contar, outra coisa é tu ver aquilo que realmente era da tua infância. Porque na imaginação tu põe a cor que tu quer, aí depois tu vê, né, mas olha, essa é a cor!” (Cléria)

Esta história foi contada (pelos livros de história) quando criança e ficou em sua imaginação. Ela só conta sobre o barco de Garibaldi quando aparece esta cena. A história do barco de Garibaldi estava borrada (também como parte das histórias das guerras – fonte pais) e com a ajuda das referências da minissérie pode ser contada, com outras características: aparece o heroísmo e o orgulho, diferente de quando aparece na fonte pais (onde é mais riso e piada).

História do charque / CTG

Fonte: Experiência pessoal

“... sou tradicionalista há muitos anos, boa parte do que integro, ao tradicionalismo, à Fernanda; porque foi a Fernanda entrando no CTG Chirana de Prata, que eu realmente então voltei a defender o tradicionalismo, porque eu fui uma pessoa na minha juventude parada em participar de CTGs, da vida tradicionalista do Rio Grande. ...Então, eu por ser pobre e por ser negro, não podia participar de CTG. Houve uma época que eu zombava dos homens que usavam bota... e pra mim, por ter sido barrado, eu fiquei bastante constrangido e não queria saber, né, até porque eu achava que a vida toda eu ia ser é... discriminado e menosprezado ali dentro...” (Venildo)



“...então eu sempre na minha vida a tal de bombacha, teve sempre um marco essa coisa do Rio Grande do Sul, as vestias nossa aqui. Teve num marco muito grande, porque eu me criei com meu pai usando bombacha, né...” (Olga)

“...A minha lembrança que eu tenho é a do colégio mesmo assim e da família do meu pai assim tenho hábitos assim tradicionais que moram bem pra fora assim. ...E há algo que me desperta assim ahn, é um orgulho que não cabe dentro de mim, de gaúcha (risos) honrosa e uma vontade enorme de ter vivido naquela época. Uma vontade assim que, maior do que eu. Porque eu olho tudo, tudo tudo que falam assim sobre a época assim, me chama a atenção. ...Ainda mais que tu sabe que fazem o teu passado, não é a coisa em si... É um sentimento, um pouco de bravura, de estar assim, rompendo coisas. ...Um tipo de terra... desbravando. É esse sentimento que me coloca ali, assim. Tentar entender...” (Bianca)

Aqui não são as histórias lúdicas. Aqui aparecem as situações vivenciadas, falam sobre o lugar de procedência destas pessoas. Algumas vieram da zona da fronteira (atividade do charque), de criação de gado no centro do Rio Grande do Sul (Cachoeira do Sul, Rio Pardo, Encruzilhada) ou na zona de imigração italiana. Interessante perceber que algumas histórias do charque são contadas com detalhes e com satisfação de ter esta atividade no passado da família (parece em alguns momentos com as histórias da fazenda). No entanto, aqui aparecem os charqueadores, mas não como lenda. A história do charque aparece com elementos individuais (como experiência pessoal), mais localizada. São falas de ausência (de distanciamento da fazenda), da existência de origens no meio rural e da distância para o lugar atual. No entanto, esta origem no meio rural da fazenda busca se alimentar destas referências ao rural, sejam estas pela participação em grupos de tradição ou por estar atenta às referências destas origens (como ver programas sobre referências da tradição). Isto de alguma maneira ainda mobiliza o indivíduo para suas questões de origem rural (de fazenda).

Fonte: Pais

“... E, é... e quando eu... (olha as unhas) eu não me lembro muito bem dessa época que eu ia no CTG, sabe, (gesticula muito) mas depois quando eu cresci, minha mãe contava para os meus sobrinhos, as histórias do CTG. Então daí eu comecei a me lembrar sobre...” (Anaise)

“... Tinha... Que fazia o charque, viviam disso, ham, ham. Os meus tios, o meu pai mesmo, desde o começo da vida deles era charqueando, né. Fazer o charque, né, depois charque e erva...” (Íraci)



“... Na família da mãe tinha os charqueadores... charques, luta dos gaúchos, fazendeiros, a luta farroupilha...” (Cléria)

Fonte: Livros

“... Eu fiquei esses dias com o livro do Carlos Urbim que eu li, né. (risos) Iniciou a minissérie e eu li, né. Mas ele sabe (o irmão) mais porque a gente lê só um, ele tem vários...” (Jane)

O livro também é importante para fazer as comparações entre referências de memória. Um dos livros mais comentados pelo grupo foi a obra da Casa das Sete Mulheres, utilizado para comparar o que era mostrado na minissérie.

Conclusão

Esta pesquisa conta com acionamentos de memória gerados numa situação de grupo. Em Terra Nostra outros acionamentos também foram gerados em entrevistas individuais. Importante salientar que em Terra Nostra estávamos numa situação de pesquisa de doutoramento. Em A Casa das Sete Mulheres estamos numa situação de pesquisa que faz parte das horas atividade do professor. Sabemos que temos limites, o aprofundamento de determinadas falas e análises que foram dadas com a pesquisa de Terra Nostra não podem ser obtidas nesta outra situação. Aqui estamos nos restringindo ao grupo de discussão em como apareceram estes acionamentos nesta situação. Poucas lembranças aparecem em forma biográfica (ao contrário de Terra Nostra). No entanto, aparecem mais histórias contadas pelos pais (mais do que avós) dos depoentes como as histórias de guerras (que foram mais facilmente complementadas com a participação do grupo). Outras lembranças apareceram na forma de falas mais pessoais (como as histórias das fazendas e do charque) e mais difíceis de serem lembradas nas primeiras falas. É quando passam pelas referências à minissérie e do próprio grupo que estas lembranças são compartilhadas. As histórias das fazendas foram mais facilmente acionadas pela minissérie. As histórias de guerras foram facilmente lembradas pelo grupo, conversas mais corriqueiras, de medos e esconderijos. Quando passam pelas referências à minissérie são contadas com heroísmo, realismo (o sangue, o navio de Garibaldi). Aparecem detalhes e uma emoção diferente.



Alguns temas foram recorrentes no grupo de discussão: as histórias das fazendas, das guerras, do charque. Isto caracterizou o fato de se tratar de memórias coletivas. No entanto, as histórias do mesmo tema foram narradas de forma diferente, relacionando-se a outros aspectos da memória coletiva, que diziam respeito às formas de transmissão das histórias contadas e outras que não dizem respeito apenas à idéia de um antepassado contando uma história.

Há uma percepção de memória coletiva que não apenas diz respeito à transmissão oral de um antepassado num tempo distante. Isto pode estar relacionado com aspectos internos e externos do indivíduo com materiais que encontra à sua disposição no hoje para se perceber como parte do passado através de uma experiência compartilhada. Podemos considerar que o acionamento das questões de origem não apareceu relacionado às falas iniciais sobre histórias de guerras ou charque pela fonte pais. Estas questões de origem inicialmente não diziam muito sobre um sentimento da história do Rio Grande do Sul. Inicialmente aparece como fato “familiar” corriqueiro. Esse encontro mais emotivo para as questões de origem foi perpassando de uma fonte com a outra (quase sempre os pais e raramente avós e depois com a minissérie). Podemos considerar que a maioria das vezes houve uma passagem estreita para o indivíduo acionar uma lembrança antiga e principalmente aquela que remontou às suas questões de origem (que desencadeou uma reação especial em consequência na sua identidade cultural). Consideramos que uma passagem é estreita entre realidade vivida e a memória coletiva (no caso, via a ficção) quando envolve referências de memória muito pessoais. Este é um dado curioso. Em Terra Nostra várias lembranças pessoais tiveram ligação com a telenovela. Aqui aconteceu novamente com a minissérie, mas com outro aspecto: diante do último capítulo da minissérie todos do grupo choraram e a partir daí há uma única fala mais pessoal sobre o tema. Não necessariamente uma história pessoal, mas um sentimento. Aqui reside a elucidação (ou mais surpresa diante do que isto quer dizer) da questão principal de nosso estudo, verificando como as pessoas relacionaram seus processos pessoais e sociais de grupos de vivências com processos midiáticos ficcionais. Poderíamos imaginar que a maioria das pessoas que estavam preocupadas com questões de origem, envolviam-se com processos identitários de suas próprias vivências ou em grupos estáveis como o CTG. Em determinado momento foi significativo às pessoas voltarem-se para as suas questões de origem. Não é apenas uma questão individual, mas está sujeita ao social. É neste contexto que a mídia faz lembrar. Esse “como” se relaciona não apenas com uma vontade do indivíduo lembrar, mas com



as condições que a mídia (a minissérie) ofereceu para que estas referências de memória pudessem ser trabalhadas. Observamos, então, outros processos identitários que acontecem não apenas na realidade, mas através da ficção televisiva. Houve referências de memória que foram acionadas e que ao serem remanejadas pelo indivíduo adquiriram sentido identitário, já não mais como lembrança pessoal, mas como memória coletiva. Foram lembranças de infância que ao passarem pela minissérie refizeram uma percepção identitária. Determinadas situações sugeriram lembrar coisas, até então não elaboradas pelo indivíduo até o momento de revê-las no capítulo da minissérie.

O que parecia ser uma lembrança individual acabou desencadeando outras percepções sobre o mesmo fato. Para quem participou dessa situação foi um momento de se perceber ressocializando as suas histórias a partir do trabalho em torno das referências de memória e de grupo. A minissérie na sua função social acrescentou marcas culturais mais evidentes no processo de crescimento individual e coletivo. Seria quase imperceptível atentar como acontece esta passagem para o indivíduo, em como este acionamento de memória acontece com este referencial da realidade e da ficção. Esta memória coletiva (diferente de compartilhar no grupo de vivência) contou com referências soltas da infância que ao serem transportadas para o mundo adulto adquiriram sentido identitário. Bergson assinalava a existência de lembranças inconscientes que, estando presas na alma, ali permanecem. Halbwachs fala-nos sobre o estado latente dessas lembranças. Freud fala sobre as memórias encobridoras. Talvez aqui na Casa das Sete Mulheres estejamos mais ao encontro das memórias encobridas de Freud pensando mais no nó da garganta e no choro após a exibição da minissérie. Há algo nestas imagens que de alguma maneira consegue remover materiais tão submersos do indivíduo, que não pensaria ter disponível. Halbwachs menciona algumas referências sobre memórias de infância, no sentido de serem sensíveis e estares mais soltas do que normalmente se encontram as memórias coletivas. Esta fala que faz referência à percepção identitária só acontece quando passa por alguns personagens e pelos capítulos da minissérie.

Cléria, Olga e Anáise relacionaram o personagem, a cena com as vivências do grupo e com fatos de sua vivência pessoal. Ver nos depoimentos em como ter isto a disposição é importante e necessário para a memória coletiva. Talvez seja uma situação como esta que não seria pensada tendo como estímulo uma referência televisiva. Talvez seja mais um indício para se incluir na discussão das novas identidades assinalar a forma como



estes acionamentos de memória acontecem com recursos artificiais, sendo a mídia um referencial que participa deste processo de construção de memória.

Observamos que a maioria das pessoas apresentou uma leitura que utilizou mais referenciais da minissérie. Alguns referenciais da minissérie interferiram sensivelmente em outros já existentes. Quem trabalhou essa memória coletiva por outro lado pode não ter a percepção de quem está contando uma história com referenciais apenas vivenciais e sem perceber que ela pode ser emblemática da situação histórico-social do povo gaúcho. O curioso foi que para algumas pessoas o estado latente e sensível das questões de origem só ganhou força de realidade quando se deparou com o olhar da minissérie. Este estado latente e sensível das questões de origem aconteceu com as mesmas características em alguns descendentes italianos com a identidade étnica. Este é um tipo de remanejamento de memória propiciado pela ficção com características que colocaram o indivíduo para além dele mesmo, através do olhar do outro, quando se reconheceu como igual. O que vem à tona é o suficiente para a lembrança incidir sobre questões de origem não pensadas nessa trajetória do espaço apenas das vivências e da tradição. Este momento foi decisivo para o indivíduo perceber-se como parte da história da revolução farroupilha. O olhar deste outro é televisivo. De alguma maneira estas pessoas buscavam recompor a sua identidade gaúcha com referenciais atuais.

É preciso reconhecer que ao lado da minissérie o próprio processo de pesquisa ao construir a situação de discussão interfere na formação (ou reformulação) das memórias coletivas. Esse é um processo incompleto, inacabado no indivíduo e na sociedade. Foi dado pelo olhar da minissérie. As questões de origem ainda nos pegam de surpresa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução: José Octavio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1969.

HALBWACHS, Maurice. *La Memoire Colletctive*. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução: Eduardo Loureiro Jr. São Paulo: Vértice, 1990. março de 2000. Disponível em: <<http://www.pátio.com.br/labirinto>> Acesso em: 12.08.2002.



HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *Mídia, memória & celebridades*. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2003.

LUCENA, Celia Toledo. *Artes de lembrar e de inventar: (re)lembranças de migrantes*. São Paulo: Arte & Ciência, 1999

STROHSCHOEN, Ana Maria. *Mídia e Memórias Coletivas*. Porto Alegre, RS: UNISINOS, 2003. Tese de Doutorado.